

Considerações acerca da inserção do Brasil no sistema agroalimentar internacional*

*Nelson Giordano Delgado***

Este artigo pretende analisar alguns aspectos da inserção do “macro-setor agrícola”¹ brasileiro no sistema agroalimentar mundial, a partir da década de 70. Para tanto, apresentamos primeiro uma caracterização sumária da evolução do comércio agroalimentar mundial das décadas de 70 a 90 — bem como das transformações ocorridas no sistema agroalimentar nos 80 — para então, a partir de evidências apresentadas em estudos recentes, analisar a evolução da estrutura e da composição da pauta de exportações agroindustriais do país desde a década de 70 até 1996. O artigo se encerra com breves considerações conclusivas sobre requisitos e implicações desse processo de internacionalização.

1. Na década de 60, o crescimento do valor das exportações agrícolas mundiais foi significativo — a uma taxa média anual de 5% — mas a metade do das exportações totais, de modo que o grau de abertura do sistema agrícola internacional permaneceu relativamente inalterado. Essa situação mudou consideravelmente na década de 70, quando o volume de comércio

N.E. A pedido do autor, foi mantida a versão original, sem revisão.

* Uma versão preliminar deste artigo foi escrita, em maio de 1997, para o Núcleo de Agribusiness do Projeto RS 2010 da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser e da Fundação de Planejamento Metropolitano e Regional, ambas da Secretaria da Coordenação e Planejamento do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Agradeço a Maria Benetti da FEE pelo convite para ser consultor do Núcleo. Sou muito grato, também, a meus colegas John Wilkinson e Sérgio Leite do CPDA/UFRRJ pela cessão e/ou indicação de textos que foram indispensáveis para a sua elaboração.

** Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

¹ Para usar a expressão cunhada por Leite (1996) e que será explicitada posteriormente.

aumentou, em termos reais, cerca de quatro vezes mais do que a produção agrícola. Certamente, a inflação de preços deu a maior contribuição ao crescimento do valor das exportações nesse período², mas é indiscutível que a quantidade exportada contribuiu de forma importante para o aumento do valor das exportações agrícolas mundiais (de cerca de 16% a.a., em média), que foi, nessa década, muito próximo ao das exportações totais (20% a.a.). Como conseqüência, a progressiva internacionalização e a crescente interdependência dos sistemas econômicos nacionais através do comércio — que já se intensificara no decênio anterior para grande parte da indústria — passou, na década de 70, a afetar expressivamente também o setor agroalimentar³.

Essa grande aceleração no crescimento do comércio agrícola mundial foi acompanhada por algumas transformações que deixarão, a partir dessa data, marcas importantes na estrutura do comércio mundial e contribuirão decisivamente para a crise e os conflitos comerciais crescentes característicos da próxima década. Dentre essas, destacam-se:

(1º) O rápido crescimento das exportações agrícolas norte-americanas — devido tanto ao aumento da produção apoiado por políticas agrícolas de sustentação de preços e de renda desde a década de 50, como à política de desvalorização do dólar implementada ao longo dos 70 — que mudou completamente a relação da agricultura dos Estados Unidos com o exterior e levou a um crescimento considerável de sua dependência em relação às exportações, especialmente para os países em desenvolvimento.⁴

(2º) O enorme aumento da produção agrícola europeia, em resposta aos estímulos da Política Agrícola Comunitária (PAC), que tornará a Europa exportadora líquida de alimentos (cereais e lácteos) na década de 80.

² Segundo dados do FMI, na década de 70 cerca de 68% da taxa média anual de crescimento do valor corrente das exportações (totais) mundiais deveu-se ao crescimento dos preços, enquanto na década anterior esse componente foi responsável por apenas 15% dessa taxa (DELGADO et al., 1996, tab. 1.3, p.83).

³ A principal referência utilizada na apresentação das décadas de 60 a 80 foi Cuffaro, de Filippis (1996).

⁴ As exportações agrícolas norte-americanas para esses países vêm, ao longo do tempo, aumentando progressivamente sua participação no total: passaram de 20% na década de 60 para 30% em 1975 e para mais de 40% no final dos 80. Ver, a respeito, Paarlberg (1991, apud Cartay, Ghersi, 1996, p.57).

(3º) Apesar de mais da metade do comércio agroalimentar mundial estar concentrado nos países desenvolvidos, o padrão do comércio mundial na década de 60 era caracterizado pelo fato desses países serem nítidos importadores líquidos enquanto os países em desenvolvimento eram fortes exportadores líquidos desses produtos. Esse padrão se alterou sensivelmente ao longo da década de 70: houve uma convergência na participação das exportações e das importações em cada um desses grupos de países nos totais mundiais, de modo que os países desenvolvidos passaram a assumir um papel crescente na exportação mundial de alimentos e os países em desenvolvimento tornaram-se, em geral, deficitários no comércio agrícola internacional, em decorrência do grande aumento de sua demanda por importações.

Nesse contexto, não é surpreendente que na década de 80 tenha ocorrido um considerável excesso de oferta nos mercados internacionais, como conseqüência do enorme crescimento da produção agrícola, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, e do comportamento da demanda, tendencialmente estagnada nos países desenvolvidos e conjunturalmente retraída nos países em desenvolvimento, em função das seqüelas deixadas pela crise da dívida externa ocorrida no início da década.

O resultado foi uma grave crise de caráter estrutural no comércio agrícola mundial — especialmente na primeira metade da década — com acúmulo de estoques, aumento da instabilidade e drástica queda dos preços internacionais, e forte reversão da tendência expansionista dos volumes comercializados. Ou seja, uma situação precisamente oposta à vigente na década de 70, quando predominaram crescimento da demanda, aceleração da intensidade de comércio, reduzidos estoques mundiais, e preços internacionais ascendentes. E com o agravante de que se manifesta em uma economia internacional na qual se acentua a crescente interdependência macroeconômica entre países e mercados, e eleva-se consideravelmente a participação da Europa nas exportações agrícolas mundiais e declina a dos Estados Unidos — ao custo de um incremento insustentável do peso da PAC no orçamento da então Comunidade Econômica Européia e de uma crise interna da agricultura norte-americana sem precedentes desde a década de 30,

dada a importância fundamental que as exportações passaram a desempenhar, a partir dos 70, para o escoamento de sua produção.⁵

Nesse sentido, a segunda metade dos 80 e a primeira dos 90 — aproximadamente o período de duração da Rodada Uruguaí do GATT — assistiram a uma intensificação dos conflitos entre a Europa e os Estados Unidos em torno da alteração de suas políticas agrícolas protecionistas (reconhecidamente insustentáveis do ponto de vista financeiro e ambiental), de sua participação nos mercados mundiais de **commodities** agrícolas, e da abertura das economias dos países em desenvolvimento.

Na década de 90, o cenário da agricultura mundial e do comércio internacional de produtos agroalimentares torna-se muito mais complexo pois, além dos conflitos acima mencionados, está indissociado de eventos ainda em curso e de resultados imprevisíveis como a internacionalização e desregulamentação financeira, a implementação do Acordo Agrícola da Rodada Uruguaí do Gatt e a criação da Organização Mundial do Comércio, a crescente importância dos arranjos de integração comercial regional, a emergência dos países asiáticos como eixo dinâmico do mercado mundial agroalimentar, a reorganização institucional da Europa Central, a questão do desenvolvimento sustentável, etc.

Para perplexidade de muitos, a primeira metade dos 90 — que presenciou uma desaceleração da economia mundial no triênio 1990-93, seguida de uma nova fase de crescimento a partir de 1994 — destacou-se pela ocorrência de uma estagnação da produção mundial de grãos, acompanhada por crescimento da demanda, o que provocou uma redução sem precedentes (desde 1973) nos estoques mundiais e uma elevação significativa nos preços internacionais de cereais e oleaginosas. É relevante questionar, então, qual o significado dessa nova situação: reflete um comportamento mera-

⁵ Note-se que, de acordo com dados da FAO, a participação das exportações norte-americanas no valor total (em US\$ FOB de 1992) das exportações agroindustriais mundiais (produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados) permaneceu estagnada em torno de 20% no período 1974/84 e caiu para 14,5% no final dos 80, início dos 90, enquanto a participação das exportações da atual União Européia aumentou progressivamente, passando de 23% na média do triênio 1973/74/75 para 34% em 1989/90/91. Além disso, a pauta de exportações agroindustriais dos Estados Unidos na primeira metade dos 80 manteve-se rigidamente muito menos diversificada do que a da atual União Européia, com os produtos básicos representando 75% e os manufaturados 10% do total — reproduzindo exatamente a mesma situação do início da década anterior — contra, respectivamente, 55% e 30% no caso europeu (CARVALHO, 1995, tab 5- 8, p. 34-35, 40,43).

mente conjuntural, de curto prazo, ou pode estar expressando um problema estrutural, capaz de manter-se por um período mais longo de tempo?

A resposta a essa questão é ainda difícil de ser formulada com precisão e tem representado, até agora, um divisor de águas na apreciação do futuro do comércio internacional de produtos agroalimentares⁶.

Segundo uma das posições, essa situação é conjuntural, fruto de uma desaceleração no crescimento da produção devida à queda de preços ocorrida na segunda metade dos 80 e à redução dos incentivos à produção e às exportações nos países industrializados, de modo que a disponibilidade de terras em vários países e a inexistência de um limite tecnológico ao incremento da quantidade produzida — pelo contrário, a biotecnologia e a engenharia genética poderão potencializar enormemente a elevação dos rendimentos agrícolas — permitirão que os aumentos de preços reestimulem o crescimento da oferta, reajustando-a à elevação da demanda, recuperando os estoques mundiais e estabilizando os preços internacionais até o final da década.

Para a visão alternativa, o atual crescimento, com maior volatilidade, dos preços dos alimentos tem grande probabilidade de representar uma situação mais duradoura, fruto de um descompasso estrutural entre os crescimentos da demanda e da oferta, que tenderá a perdurar nos próximos anos. O crescimento acelerado da demanda por alimentos deve-se ao aumento da população e, em especial, da renda nos países em desenvolvimento — associada a uma maior estabilização de suas economias — em relação ao ocorrido na década passada. Uma participação significativa nesse aumento (atual e projetado) de demanda é atribuída aos países asiáticos, muito especialmente à China. Por outro lado, o crescimento da oferta de alimentos estaria restringido (durante a década) pelo maior controle sobre a produção e pela redução de estoques nos países industrializados — em reação ao custo fiscal e financeiro insustentável das políticas protecionistas e aos reclamos crescentes em favor da preservação ambiental — e pelo esgotamento do processo tecnológico predominante desde a revolução verde, na década de 60 — quando as últimas novidades genéticas em cereais foram obtidas⁷ —

⁶ Para a discussão dos 90 foram utilizados vários números da revista *Agroanalysis*, em especial os artigos de Pinazza (1996), RYFF (1996) e a entrevista com Schuh (1996).

⁷ De acordo com Schuh (1996), na entrevista citada, a engenharia genética obteve, até agora, avanços notáveis na genética animal e de hortaliças, mas quase nada de expressivo em grãos.

associado à redução da área agricultável em um número crescente de países.

Não obstante os resultados dessa controvérsia, e apesar da frustrante liberalização dos mercados agrícolas nos países industrializados obtida no Acordo Agrícola da Rodada Uruguai do GATT, espera-se que, em geral, os preços no mercado agrícola mundial ficarão mais elevados na década de 90 do que no final dos anos 80, tudo indicando que a escolha mais sensata para um país como o Brasil será consolidar a posição exportadora no mercado internacional de produtos agroalimentares, pois não existem evidências convincentes de que os ganhos de comércio favorecerão os países importadores⁸.

2. A crise, na década de 80, do sistema agroalimentar consolidado no pós-guerra, que teve efeitos imediatos sobre o comércio internacional, também afetou significativamente a indústria alimentar dos países desenvolvidos (EUA e CEE), levando-a a uma notável reestruturação⁹. Diante da crescente superprodução de carnes, cereais e lácteos e da estagnação da demanda por esses produtos, a revitalização da indústria alimentar nos mercados domésticos dos países industrializados passou pela adoção de 3 processos fundamentais: (1º) os padrões de consumo tornaram-se profundamente segmentados e diferenciados, adquirindo um **status** mais individualizado e menos massificado; (2º) os serviços passaram a ser crescentemente incorporados nos alimentos finais (como, por exemplo, nos **fast-foods** e nas comidas prontas); e (3º) uma maior preocupação com a saúde fez com que os alimentos fossem mais valorizados como fontes de vitaminas do que de proteínas e calorias, o que repôs a preferência por produtos frescos ou "naturais", além de incrementar a procura por frutas e hortaliças.

Assim, a forma como operou a redinamização da indústria alimentar acarretou transformações importantes no sistema agroalimentar, a partir da década de 80, das quais importa mencionar:

(1º) a estratégia de eliminar a característica de mercado de **commodities** dos principais mercados agroalimentares, através da diferenciação via qualidade ou especificação do produto, com o conseqüente aumento no valor agregado

⁸ Para uma avaliação do Acordo Agrícola e seus efeitos sobre a produção, o comércio e os preços mundiais veja-se, por exemplo, FAO (IMPACT..., 1995), Martin, Winters (1996) e Anania, Delgado (s.d.).

⁹ A elaboração deste item está baseada diretamente no livro de Wilkinson (1996a, cap.1), sendo muitas vezes uma verdadeira "apropriação" da brilhante análise aí feita.

dos alimentos industrializados e diminuição do conteúdo de matérias-primas nele incorporadas;

(2º) a enorme sofisticação dos mercados domésticos nos países industrializados, que é expressão da passagem de uma estrutura produtiva dominada pela oferta (até a década de 70) para outra em que a demanda é o elemento principal na organização da cadeia agroalimentar, o que também influencia decisivamente a dinâmica tecnológica, os padrões de concorrência, e o poder econômico dos atores que dela participam, como exemplifica a importância crescente assumida pela grande distribuição como um elo estratégico nessa cadeia; e

(3º) a separação entre os padrões de competição nos mercados domésticos dos países industrializados e a dinâmica do comércio internacional de produtos agroalimentares. Aqui cabem duas observações. Por um lado, que o comércio mundial ainda é um comércio de **commodities** agrícolas¹⁰ — embora a tendência à sua diferenciação e segmentação seja crescente, associada à maior liberalização em curso — no qual as noções de especialização e de vantagens comparativas tradicionais mantêm ainda relevância relativa, enquanto nos mercados domésticos o comércio deslocou-se progressivamente para produtos da indústria alimentar mais elaborados, com padrões de concorrência muito diversos. E, por outro, que a internacionalização da indústria alimentar depende muito menos do comércio do que dos investimentos diretos — em aquisições e **joint ventures**, por exemplo — das empresas internacionais que lideram os vários segmentos desse setor industrial, de modo que a competitividade internacional da agroindústria é uma extrapolação da competitividade consolidada nos mercados domésticos. Assim sendo, o intercâmbio internacional de produtos agroindustriais assume um caráter crescentemente intra-setorial — como ocorre com a maior parte dos produtos industriais — concentrando-se nas trocas entre filiais de multinacionais que atuam em países com padrões de produção e de consumo semelhantes, e que se aceleram com a unificação e a ampliação dos mercados estimulada pela formação de blocos de integração regional.

¹⁰ Segundo dados da FAO, no início dos 90, do valor total das exportações mundiais de produtos agroindustriais (em US\$ FOB de 1992), 45% era de básicos, 18% de semimanufaturados, e 37% de manufaturados. Na metade da década de 70, essas participações eram de 60%, 12%, e 28% (CARVALHO, 1995, tab.5, p.34).

3. Na década de 70, o Brasil tornou-se um importante participante no comércio mundial de **commodities** do sistema agroalimentar estruturado no pós-guerra, situação que avançou mesmo nas condições macroeconômicas e internacionais adversas da década de 80.

Vários estudos recentes¹¹ indicam que ao longo dessas décadas a estrutura da pauta de exportações agrícolas brasileiras passou por transformações importantes no sentido de uma maior diversificação, com o aumento da participação de **commodities** com maior valor adicionado ou com maior elaboração industrial. Esse fenômeno reflete, evidentemente, o crescimento da importância das cadeias agroindustriais no que Leite (1996) chamou apropriadamente de “macro-setor agrícola”¹² nacional e parece indicar, segundo os autores mencionados, um novo tipo de inserção do Brasil no comércio agrícola mundial, que implica maior acesso a mercados mais competitivos e mais sofisticados, tanto do ponto de vista dos padrões tecnológicos como do consumo final.

Dentre as evidências produzidas por essas análises, escolhemos ressaltar as que seguem:

(1^o) As taxas médias anuais de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras foram notavelmente diversas nas décadas de 70 e de 80. Nos anos 70, tanto o valor quanto a quantidade exportada aumentaram a taxas médias bastante elevadas (7,8% e 3,5% a.a., respectivamente) durante toda a década. Já nos 80, quantum e valor exportados não cresceram até 1987¹³, quando então o valor despencou e o quantum volta a elevar-se, a

¹¹ Dentre os quais utilizamos Carvalho (1995, 1996a, 1996b) e Leite (1996).

¹² Que inclui, além da agropecuária, do extrativismo vegetal, do beneficiamento de produtos agropecuários, e das agroindústrias de primeiro e segundo processamento, e de produção de bens de consumo final — a que se aproxima, grosso modo, como veremos, a classificação tradicional das exportações agrícolas em produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados — as indústrias produtoras de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária e para as agroindústrias. A discriminação dos produtos que, com base na Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM), fazem parte dos cinco níveis de agregação que compõem, segundo Leite (1996), o “macro-setor agrícola” encontra-se em seu anexo 2 (p.39).

¹³ Provavelmente como resultado da compensação dos efeitos negativos da grave crise do mercado mundial em 1981-83 e dos efeitos positivos de sua recuperação a partir de 1984.

taxas médias anuais de -5,4% e 1,9% no intervalo 1988-92¹⁴. A análise de Carvalho (1996a, 1996b) não deixa dúvidas de que o principal responsável pelo desempenho contrastante das exportações agroindustriais brasileiras nas duas décadas foi o comportamento totalmente diverso (como já foi indicado anteriormente) do comércio internacional nos dois períodos.

(2º) Há evidências convincentes de que a comparação das décadas de 70 e de 80 mostra a ocorrência de uma alteração importante na estrutura da pauta de exportações agroindustriais brasileiras, com o aumento da participação de semimanufaturados e, principalmente, de manufaturados, em detrimento dos produtos básicos — para os quais a queda de preços internacionais foi muito aguda nos 80 — que tradicionalmente ocuparam, e ainda ocupam, um lugar de destaque na balança comercial brasileira¹⁵. Assim, a participação média dos produtos básicos caiu de 76% do valor total das exportações agroindustriais na década de 70 para 61,5% na década de 80, enquanto dos semimanufaturados aumentou de 11% para 12,5% e a dos

¹⁴ É possível que essa acentuada queda do valor das exportações esteja associada ao novo surto recessivo da economia mundial a partir de 1989 e que se estende até 1993 — que aparentemente afetou principalmente os produtos básicos — e que o crescimento do quantum exportado deva-se ao bom desempenho das exportações de suco de laranja, principalmente, e do complexo soja (óleo, grão, e, em especial, farelo) no início dos 90, em relação às exportações mundiais, como parecem sugerir os indicadores de vantagem comparativa revelada — que expressam a relação entre a participação das exportações de um produto qualquer nas exportações agroindustriais totais de um país e a participação das exportações desse produto nas exportações agroindustriais mundiais — calculados por Carvalho (1995, tab. 15, p.94).

¹⁵ A composição desses agregados, tal como aparece em Carvalho (1995, apênd. 1, p. 109), é a seguinte: **Básicos**: açúcar demerara, algodão bruto, cacau cru, café (grão), camarão congelado, carne bovina fresca/refrigerada/congelada, carne de frango congelada, castanha-de-caju, farelo de polpa cítrica, farelo de soja, fumo em folhas, peixe congelado, pimenta, soja (grão); **Semimanufaturados**: açúcar cristal, madeira serrada, manteiga de cacau, óleo bruto de soja, liquor/pasta de cacau, pasta química de madeira, peles e couros; **Manufaturados**: açúcar refinado, café industrializado (solúvel), carne bovina industrializada, fios de algodão, madeira ent/apl/plac/contraplacada, óleo refinado de soja, papel e suas manufaturas, suco de laranja concentrado/congelado, tecidos de algodão.

manufaturados dobrou, passando de 13% para 26%.¹⁶ O estudo empírico de Leite (1996) — embora utilizando uma outra metodologia — também confirma essa tendência. A partir da série histórica por ele construída (LEITE, 1996, tab. 6, p.20-22), pode-se perceber que os produtos manufaturados adquiriram uma posição de destaque na década de 80, pois a participação média, no período 1980/89, dos produtos da agroindústria de segundo processamento e de produção de bens de consumo final alcançou 24% do valor corrente (em US\$ FOB) das exportações totais do chamado macro-setor agrícola, enquanto as exportações das indústrias produtoras de insumos e equipamentos para a agropecuária e para as empresas agroindustriais representou quase 3% desse valor. Note-se, ademais, que o agregado que inclui o beneficiamento de produtos agropecuários e a agroindústria de primeiro processamento obteve, em média, expressivos 32,5% do valor das exportações e que dele fazem parte um bom número de produtos que na classificação tradicional são considerados como manufaturados e semimanufaturados¹⁷.

(3º) Por fim, cabe destacar como as modificações acima afetaram a evolução dos produtos agroindustriais mais importantes da pauta de exportações nesse período. Nesse ponto, algumas observações merecem registro¹⁸:

¹⁶ Essas médias foram calculadas para os períodos 1973/79 (média móvel de 3 anos) e 1982/89 (idem), a partir da tabela 1 (CARVALHO, 1995, p.12), construída com dados do DECEX. Se considerarmos apenas o final da década de 80 (1987/89), elas praticamente não se alteram: 61% para básicos, 12,5% para semimanufaturados e 26,5% para manufaturados. Observe-se, **en passant** — o que parece ter passado despercebido pela autora — que se considerarmos os dados da FAO, igualmente expressos em US\$ FOB de 1992, apresentados nas tabelas 6-8 (CARVALHO, 1995, p.35, 40, 43), a participação dos básicos no valor das exportações agroindustriais do Brasil desaba de uma média de 74% em 1973/74/75 para 34% em 1989/90/91, enquanto que a dos semimanufaturados cresce de 15% para 29% e a dos manufaturados de 11% para 37%, o que certamente distorce e exagera a profundidade da transformação da pauta de exportações agroindustriais brasileiras no período.

¹⁷ Na classificação de Leite (1996), o nível de agregação que aglutina a agropecuária, a pecuária e o extrativismo vegetal representou, em média, 41% das exportações do macro-setor agrícola na década de 80. É preciso ter cuidado para não identificar esse agregado com o usualmente considerado como de produtos básicos, pois ele inclui alguns semimanufaturados (como peles e couros, e madeira, por exemplo) e exclui outros produtos normalmente incorporados nos básicos, como, por exemplo, açúcar demerara e farelos.

¹⁸ Baseadas em Carvalho (1995, cap. 2) e nos dados por produtos constantes do apêndice 3 (CARVALHO, 1995, p.114-116).

1. Dos principais sub-setores que compunham a pauta de exportações agroindustriais nas décadas consideradas¹⁹, três tiveram queda importante no valor de suas exportações médias na década de 80 — açúcar (demerara, cristal e refinado), café (grão e solúvel), e cacau (bruto, manteiga e pasta — com tal intensidade que a participação dos dois primeiros na média do total das exportações agroindustriais, que era de quase 50% em 1971/79, reduziu-se para 30% em 1980/89. A queda das exportações desses sub-setores, mais as de algodão e de soja em grão, é a principal responsável pela diminuição do valor médio das exportações de básicos, de modo que mesmo nesses sub-setores tradicionais — com exceção do café — os produtos semimanufaturados e manufaturados ganharam relevo no valor de suas exportações²⁰.

2. Na década de 80, as exportações do sub-setor soja (farelo, grão, óleo bruto, e óleo refinado) passaram a ser, em média, as mais importantes da pauta agroindustrial brasileira (com cerca de 1/4 do total), superando o café (24%), cuja hegemonia era indiscutível nos 70 (35%). Mais de 80% do valor das exportações desse sub-setor continua a ser de produtos de menor valor agregado — com o crescimento do farelo compensando a grande diminuição dos grãos — apesar da expressiva elevação dos valores médios de óleo refinado, cuja participação alcançou cerca de 6% nos 80, contra menos de 1% nos 70. A composição do valor médio das exportações de semimanufaturados permaneceu relativamente inalterada, com três exceções: a grande redução nos valores do açúcar cristal e da madeira serrada e o enorme incremento no da pasta química de madeira, a qual, junto com óleo bruto de soja, passa a representar mais de 50% do valor médio das exportações agroindustriais de semimanufaturados no período 1980/89. Os manufaturados, por sua vez, mantiveram sua composição razoavelmente diversificada, mas com algumas alterações destacáveis: a perda de importância relativa do café solúvel e dos fios e tecidos de algodão no valor médio das exportações totais do agregado, e os extraordinários ganhos em papel e

¹⁹ Os sub-setores café, açúcar, algodão, soja, madeiras e papel, suco de laranja, cacau, fumo, carnes, e peles e couros contribuíram, na média dos períodos, com 99% do total das exportações agroindustriais em 1971/79 e com cerca de 96% em 1980/89.

²⁰ O açúcar demerara teve sua participação reduzida no sub-setor açúcar de 72 para 49%, o mesmo acontecendo com o algodão bruto (de 46% para 18%) e o cacau bruto (de 63% para 46%) nos sub-setores algodão e cacau, respectivamente.

suas manufaturas e em suco de laranja, que passaram a compor 45% do valor médio das exportações agroindustriais de manufaturados nos 80, contra 21% nos 70.

3. Em síntese, a comparação do valor médio das exportações agroindustriais brasileiras nas décadas de 70 e 80 indica uma perda de importância relativa dos sub-setores tradicionais de café, açúcar, algodão e cacau, a manutenção do sub-setor soja como responsável por cerca de 1/4 desse valor, e o incremento da participação dos sub-setores suco de laranja, madeiras e papel, fumo, e carnes, que juntos representaram 30% do valor médio das exportações agroindustriais nos 80²¹.

4. Na primeira metade dos anos 90 aprofundou-se, no país, a internalização da indústria alimentar predominante nos mercados domésticos dos países industrializados, impulsionada pela expansão das empresas líderes do sistema agroalimentar mundial — norte-americanas e européias — e por algumas empresas nacionais, especialmente no setor de carnes, que cresceram significativamente, desde os 80, voltadas para o mercado interno e também para as exportações.

No mesmo período, o processo de abertura comercial da agricultura foi bastante estimulado — a tarifa nominal média dos produtos agrícolas foi progressivamente reduzida, passando de 58,7% em maio de 1988 para 12,6% em julho de 1993 — a economia mundial desacelerou-se entre 1990-93, retomando em 1994 sua fase atual de crescimento; a inflação doméstica atingiu níveis estratosféricos, inviabilizando a política agrícola executada na década anterior e tornando, ao lado do clima, extremamente difíceis as condições de produção no setor nos dois primeiros anos da década; e a adoção do Plano Real em 1994 e sua política de valorização da taxa de câmbio real produziram uma perda média de cerca de 30% na renda real agropecuária em 1995 e dramatizaram as exigências de redução de custos na atividade rural, as quais já se vinham manifestando desde o final dos 80²².

²¹ Note-se que no sub-setor carnes é notável o crescimento da carne de frango congelada, cuja participação no valor médio das exportações do sub-setor passa de 11% para 36% entre as duas décadas.

²² Para uma discussão desses temas veja-se, por exemplo, Kume (1995), Rezende (1995) e Bressan Filho (1995).

Dando continuidade à análise feita para as décadas de 70 e 80, podemos discutir, brevemente, como se comportou a pauta de exportações agroindustriais brasileiras na primeira metade da década de 90, tomando como base as informações estatísticas contidas no ensaio de Espírito Santo, Severo (1997)²³. As principais observações a respeito são as seguintes:

(1º) A balança comercial agroindustrial do Brasil, no período 1990/96, foi sempre superavitária. Seus piores resultados concentraram-se em 1990 e 1991 — com saldos de US\$ 6 e 4 bilhões FOB — recuperando-se em 1992 e 1993 (quando se manteve em cerca de US\$ 7 bilhões), crescendo em 1994 (US\$ 8,7 bilhões), e permanecendo próximo a US\$ 8,5 bilhões nos dois anos seguintes, quando o saldo da balança comercial brasileira iniciou uma extraordinária reversão, passando de um confortável superávit de US\$ 10,5 bilhões em 1994 para déficits crescentes da ordem de US\$ 3,4 e US\$ 5,5 bilhões em 1995 e 1996. Destaque-se que a contribuição dos produtos básicos para o valor do superávit comercial agroindustrial, embora majoritária, foi decrescente desde 1994 (passando de 64,1% para 50,6% em 1995 e 56,4% em 1996), o mesmo acontecendo com os manufaturados desde 1991 (quando contribuíram com 31% do valor do saldo), que atingiram o seu valor mais baixo em 1994 (15,7% do saldo) e se estabilizaram em torno de 21-22% em 1995/96²⁴. Os produtos semimanufaturados, por outro lado, tiveram sua participação no valor do saldo comercial acrescida consideravelmente desde 1992, quando aumentou de 8,7% para 27% em 1995 e 22,5% em 1996. A principal razão para esse comportamento da participação dos três agregados no valor do saldo comercial agroindustrial foi o grande incremento do valor das importações tanto de básicos quanto, e principalmente, de manufaturados, cujos índices de valor foram bem superiores aos das exportações, especialmente a partir de 1994. Somente para os semimanufaturados

²³ As tabelas foram elaboradas pelo MA/SPA/DEAGRI, a partir de dados do Siscomex e da Secex/Mict. O valor das exportações está expresso em US\$ FOB correntes. Todas as informações sobre a década de 90 foram extraídas dessas tabelas.

²⁴ Os principais produtos que constam dos três agregados são, segundo Espírito Santo, Severo (1997, tab.2, p 21): **Básicos**: soja em grão e farelo, café em grão, fumo em folhas, carne de aves, bovinos e suínos, frutas, castanha de caju, farelo de polpa cítrica, pescados, e cacau em bruto; **Semimanufaturados**: óleo de soja em bruto, açúcar cristal, couros, e manteiga, gordura e óleo de cacau; e **Manufaturados**: suco de laranja concentrado, pasta de celulose, cigarros de fumo, café solúvel, açúcar refinado, e óleo de soja refinado.

os índices do valor das exportações agroindustriais foram maiores, a partir de 1993, do que os das importações²⁵.

(2º) A Tabela 1 apresenta a evolução do valor das exportações agroindustriais brasileiras no período 1990/96. Como se observa, o total das exportações cresceu continuamente ao longo da primeira metade da década, com exceção de 1991 — que foi um ano muito desfavorável, tanto em termos domésticos como internacionais — de modo que, em 1996, seu valor corrente em dólares era aproximadamente 80% superior ao de 1990. Se tomarmos o valor médio para todo o período 1990/96 de cada um dos três agregados em que estão classificados as exportações, constatamos que suas participações no total permanecem praticamente inalteradas em relação aos valores médios obtidos na década de 80: 59,2% para os básicos, 14,9% para os semimanufaturados, e 25,7% para os manufaturados, indicando que não houve, no período, alteração significativa na distribuição da pauta brasileira de exportações agroindustriais. No entanto, se comparamos os valores médios dos triênios 1990/92 (quando a economia internacional estava desacelerada) e 1994-1996 (quando o crescimento internacional foi retomado), verificamos o enorme crescimento do valor médio dos semimanufaturados (da ordem de 270%), de modo que sua contribuição ao total quase dobra (de 10% para 18%), o que é acompanhado por uma redução na participação dos básicos (de 63% para 56%), dado o menor crescimento relativo do valor de suas exportações, e pela manutenção da posição dos manufaturados em torno de 26% nos dois triênios. Esse comportamento das exportações poderia sugerir que a perda de importância dos manufaturados, e, em alguma medida, dos básicos, na geração do saldo comercial agroindustrial deveu-se muito mais ao grande aumento ocorrido nas importações do que a um mau desempenho das exportações.

²⁵ Os índices da relação entre valor das exportações e valor das importações agroindustriais por grandes agregados, no período 1990/96, são os seguintes (1990=100):

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Básicos	100	70	127	82	91	70	70
Semimanufaturados	100	67	87	107	140	133	110
Manufaturados	100	85	96	67	39	39	39

FONTE DOS DADOS BRUTOS: SISCOMEX

FONTE: ESPÍRITO SANTO, Benedito Rosa do, SEVERO, José Ricardo (1997). **A abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola** Brasília. (mimeo). Tab 1, p 20.

Tabela 1

Valor das Exportações Agroindustriais Brasileiras no Período 1990/96
(Milhões US\$ FOB)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Básicos	5 456,6	4 478,7	6 141,3	6 821,2	8 379,5	7 636,5	8 548,3
Semimanufaturados	846,6	754,2	1 032,4	1 399,9	2 318,7	3 016,2	2 749,3
Manufaturados	2 242,1	1 775,4	2 652,1	2 562,6	3 107,5	4 240,7	4 065,6
Total	8.545,1	7.008,3	9.825,9	10.783,7	13.805,7	14.893,4	15.363,2

FONTES DOS DADOS BRUTOS: SISCOLEX.

FONTES: ESPÍRITO SANTO, Benedito Rosa do, SEVERO, José Ricardo (1997). **A abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola**. Brasília. (mimeo.). Tab.2, p.21.

(3º) O conjunto dos sub-setores soja (farelo, grão, óleo bruto e refinado), fumo (em folhas e cigarros), suco de laranja, café (grão e solúvel), açúcar (cristal e refinado), carnes (bovina, suína e de aves), e couro respondeu por 80% do valor das exportações agroindustriais do Brasil no período 1990/96²⁶. Isso novamente não é muito diferente de sua participação média na década de 80 — que foi de cerca de 76% — mas é interessante comparar o peso relativo de seus componentes no início e na metade dos 90. O sub-setor soja manteve sua hegemonia, com aproximadamente 28% do valor das exportações agroindustriais, tanto em 1990/92 como em 1994/96, com o farelo representando 55% de suas exportações. A diferença nesse sub-setor, em relação aos 80, foi o aumento da importância relativa da soja em grão e, em especial, do óleo bruto (21% do sub-setor em 1994/96) — cujo valor aumentou 220% entre 1990/92 e 1994/96 — e a queda das exportações de óleo refinado, que empurraram sua participação no sub-setor para o nível dos anos 70 (menos de 1%). A década foi bastante adversa para o suco de laranja, cujas exportações oscilaram muito mas foram sempre inferiores em valor ao patamar atingido em 1990, de modo que sua participação reduziu-se para 8% em 1994/96 (foi de 13,5% em 1990/92). Vale sublinhar o que ocorreu com o açúcar: seu peso relativo, que havia atingido 2,5% no início da década, alcançou quase 8% em 1994/96, superando o obtido na média dos 80. A grande responsável por essa alteração foram as exportações de açúcar cristal — cujo valor, em função da retomada da demanda e dos preços internacionais a partir de 1993/94, elevou-se em 2.017% — de tal

²⁶ Se calculamos os valores médios desse conjunto para os triênios 1990/92 e 1994/96, sua participação no total é de 79% e 80%, respectivamente.

forma que passaram a representar 75% do total do sub-setor em 1994/96, posição que era ocupada pelo açúcar refinado em 1990/92 (80,5%). Sublinhe-se, por fim, o incremento na década de 90 do valor das exportações de fumo, pasta de celulose, couros, e carnes — que superaram seu desempenho médio na década anterior²⁷ — em especial da carne de aves, cujo valor aumentou ininterruptamente passando a representar cerca de 61% das exportações de carnes em 1994/96.

(4º) Finalmente, alguns comentários sobre o destino das exportações agroindustriais e a origem e composição das importações. O Brasil iniciou a década de 90 com suas exportações agroindustriais bastante concentradas na União Européia (56%) e nos Estados Unidos (20%). Na média do triênio 1994/96 essa concentração, embora continuando muito significativa, diluiu-se consideravelmente — a União Européia com 42% e os Estados Unidos com 9% — ganhando importância progressiva o Mercosul (a partir de 1991), a China, incluído Hong Kong (a partir de 1994) e a África (a partir de 1992) — que passaram a receber, cada um, cerca de 5% do valor das exportações totais — além do Japão, que manteve uma participação média em torno de 6% ao longo de todo o período. As exportações agroindustriais para a União Européia mantiveram-se relativamente estagnadas (em cerca de US\$ FOB 4,6 bilhões) até 1993, quando, com a recuperação da demanda em 1994, aumentaram 30% e permaneceram estancadas até 1996 (ao redor de US\$ FOB 6 bilhões). Os principais produtos exportados foram farelo de soja (30%), suco de laranja, café em grão e soja em grão, que totalizaram 70% das exportações. No caso dos Estados Unidos, as exportações tiveram um desempenho sofrível no período — conservando-se por volta de uma média de US\$ FOB 1,4 bilhões, abaixo dos 1,7 bilhões de 1990 — o que se explica, principalmente, pela redução do valor das exportações de suco de laranja (que cai 56% entre 1990 e 1996), provavelmente em função das barreiras protecionistas existentes, já que suas exportações para a União Européia cresceram expressivamente a partir de 1994²⁸. Resta assinalar que a carne de frango e o café dominaram as exportações para o Japão, o mesmo

²⁷ Suas participações no valor total das exportações agroindustriais em 1994/96 foram, respectivamente, de 8,4%, 7,5%, 4% e 8%.

²⁸ As exportações de suco de laranja, café e fumo responderam por 65% das exportações para os Estados Unidos em 1990 e por 54% no triênio 1994/96.

acontecendo com o óleo de soja e o farelo (em 1996) para a China (e Hong Kong), o açúcar para a África (76% em 1994/1996), e o fumo (25% em 1996), café, carne suína e de aves, cerveja de malte, e açúcar, em ordem decrescente, para o Mercosul. Com relação às importações agroindustriais, dois comentários. Primeiro, os principais exportadores de produtos agroindustriais para o Brasil, na primeira metade dos 90, foram o Mercosul (com 50% das importações brasileiras em 1994/96), a União Européia (12%) e os Estados Unidos (10%), sendo que o saldo da balança agroindustrial brasileira com a União Européia e os Estados Unidos foi altamente superavitário, durante todo esse período, o exato oposto ocorrendo com o Mercosul²⁹. Em segundo lugar, do valor total médio das importações agroindustriais no triênio 1994/96 — de US\$ FOB 6,1 bilhões — 53,8% foram de básicos, 11,6% de semimanufaturados, e 34,6% de manufaturados. Dentre os básicos, 65% (perto de US\$ FOB 2,1 bilhões) corresponderam às importações de trigo, algodão, arroz, soja em grão e milho em grão, que juntas totalizaram cerca de 35% do valor das importações agroindustriais, o que corresponde à participação dos manufaturados³⁰. Note-se, além disso, que foram responsáveis por 50% das importações agroindustriais do Mercosul em 1996, e esclarecem, juntamente com lácteos, frutas, carne bovina e pescado, grande parte do déficit comercial com os países do bloco, em especial com a Argentina, da qual provieram 70% das importações nesse ano.

5. Como conclusão, queremos salientar que a formulação de cenários para o “macro-setor agrícola” brasileiro e sua inserção no sistema agroalimentar internacional — que atualmente não pode ser concebida sem se levar em conta a estabilização econômica, a abertura comercial e o Mercosul — deveria estar atenta a alguns aspectos especiais, dentre os quais vale a pena destacar, brevemente, os que seguem.

²⁹ O superávit da balança comercial agroindustrial com a União Européia foi, em média, de US\$ FOB 4,2 bilhões em 1990/93 e de 5,4 bilhões em 1994/96. Com os Estados Unidos o superávit foi de US\$ FOB 1,2 bilhão e de 0,7 bilhões nos mesmos períodos. E, no Mercosul, o déficit médio dobrou entre os dois períodos, passando de US\$ FOB 1,1 bilhão para 2,3 bilhões.

³⁰ As exportações de trigo e algodão apenas — produtos que passaram por uma imensa redução de área cultivada e de produção na primeira metade dos 90 — somaram em média US\$ FOB 1,5 bilhão, ou seja, quase 1/4 do valor total médio das importações agroindustriais brasileiras em 1994/96.

(1º) Está havendo uma enorme expansão do consumo "moderno" no Brasil, estimulado pela estabilização econômica e pela abertura comercial — que, na medida em que não for inviabilizada por crises na balança de pagamentos, tende a impor um teto ao crescimento dos preços dos bens produzidos internamente — e que significa o consumo crescente e massivo de produtos industriais que seguem padrões internacionais. Isso se aplica nitidamente ao caso do setor agroalimentar. Dada a demanda reprimida, a grande parcela de consumidores ainda excluídos do mercado e a integração do mercado brasileiro, é de se esperar que a retomada do crescimento econômico — especialmente se associada ao aumento do emprego global (formal ou informal) — leve a uma forte expansão do consumo popular "moderno". Por outro lado, como salienta Wilkinson (1996b, s.d.), a menor densidade dos mercados segmentados de produtos alimentares mais sofisticados tende a obrigar as empresas líderes brasileiras a operar no conjunto do mercado, o que limita sua capacidade de especialização e de apropriação das externalidades dos segmentos mais dinâmicos a nível mundial, reduz sua capacidade de competição internacional e aumenta sua vulnerabilidade num contexto de abertura comercial e de internacionalização da indústria alimentar. Assim, a retomada do crescimento econômico com distribuição de renda — ampliando o mercado de classe média — juntamente com o adensamento do mercado propiciado pelo Mercosul podem ser fundamentais para a manutenção/atualização de padrões competitivos internacionais pelas empresas líderes brasileiras.

(2º) Está cada vez mais evidente que as empresas líderes transnacionais, assim como a dos países da região, passaram a privilegiar o Mercosul como um mercado único do ponto de vista de suas estratégias de crescimento e de competição não apenas em relação ao Cone Sul, mas também a outras regiões da América Latina. Nesse sentido, têm aumentado os investimentos diretos em vários setores do sistema agroalimentar regional, seja através de ampliação da capacidade instalada, de aquisição de novas plantas/empresas, de acordos de **joint venture**, e de lançamento de novos produtos. Isso significa — como chama a atenção Wilkinson (s.d.) — por um lado, uma maior internacionalização e concentração em vários setores industriais e do varejo de alimentos, como já está ocorrendo com

grande intensidade no Brasil³¹, de modo que as empresas líderes internacionais exercerão uma imensa pressão sobre as empresas líderes nacionais e sobre as cooperativas agroindustriais regionais. E, por outro, sinaliza que as grandes empresas diversificadas tenderão a assumir políticas de **sourcing** regional (inclusive com países de fora do Mercosul) ou mesmo global. As conseqüências desse processo serão certamente bastante relevantes para as agriculturas do Mercosul, podendo produzir, inclusive, reordenamentos espaciais muito importantes entre elas.

(3º) É indiscutível, como evidenciamos anteriormente, que a pauta de exportações agroindustriais brasileiras passou, a partir da década de 70, por um importante processo de diversificação, no sentido do aumento da participação de produtos de maior valor agregado. Não há dúvida, também, que a balança comercial agroindustrial obteve superávits expressivos na primeira metade da década de 90, em especial a partir de 1992, o que é particularmente notável no final do período, quando a balança comercial inicia um extraordinário processo de deterioração. Isso não nos deveria impedir, no entanto, de atentar para alguns aspectos que tendem a ficar encobertos em algumas observações mais ufanistas. Em primeiro lugar, a participação dos manufaturados no total das exportações agroindustriais, que dobrou na década de 80, permaneceu relativamente estagnada ao longo dos 90. Muito do incremento do valor das exportações nos últimos anos esteve bastante associado ao aumento considerável dos preços de alguns produtos básicos e semimanufaturados (como soja, açúcar, café e outros), cuja continuidade futura é ainda, não obstante as controvérsias, uma incógnita, além de que provavelmente aumentou, na pauta, a importância de produtos que agregam menor valor. Em segundo lugar, grande parte do superávit da balança comercial agroindustrial é explicado pelo superávit com a União Européia, o qual representava, em média, 63% do total em 1994/96. Além disso, o superávit com os Estados Unidos reduziu-se no último triênio e o déficit com o Mercosul elevou-se ininterruptamente desde 1993. Ou seja, em matéria de produtos agroindustriais o Brasil não é um **global trader**,

³¹ Duas matérias recentes da **Gazeta Mercantil** (INDÚSTRIA..., 1997a, AUMENTA..., 1997b) ilustram esse processo. Em relação ao varejo, uma das matérias afirma que a "estratégia agressiva de expansão das grandes redes de supermercados está acelerando a concentração no mercado brasileiro", de modo que, "a cada ano, um número menor de empresas domina uma parcela maior do faturamento do setor. Atualmente, os 20 maiores grupos nacionais respondem por 40% do total de vendas".

mesmo que **small**. Essa é uma situação que merece atenção, apesar de tudo, porque as importações agroindustriais brasileiras em valor vêm, de modo geral, crescendo consideravelmente desde 1993 e porque as exportações para a União Européia dependeram basicamente do sub-setor soja (responsável por 42% do total), não obstante o crescimento, a partir de 1994, do valor das exportações de suco de laranja, café em grão, couros, e do sub-setor carnes. Por fim, em terceiro lugar, e o que é ainda mais esquecido pelas análises simplórias, todos os autores que utilizamos são unânimes no reconhecimento do papel de destaque que a política governamental desempenhou no estímulo ao crescimento e à diversificação das exportações agroindustriais brasileiras, a partir da década de 70. Além disso, é bastante provável — o que é raramente mencionado e mereceria uma investigação de maior fôlego — que a própria política de proteção industrial dos 70 e de parte dos 80 não tenha sido neutra mas, ao contrário, tenha favorecido o processo, então em curso, de diversificação da pauta de exportações agroindustriais do país.

Bibliografia

- ANANIA, Giovanni, DELGADO, Nelson Giordano, orgs. (s.d.). **Liberalização comercial e integração regional em agricultura após a rodada Uruguai do GATT** (s.d.). (A ser publicado pela Editora Forense Universitária e pela Editora da UFRRJ).
- AUMENTA a concentração entre supermercados (1997b). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.C-3, 16 set.
- BRESSAN FILHO, Angelo (1995). O Plano Real e a crise na agricultura. **Revista de Política Agrícola**, Brasília : CONAB/SNPA, v.4, n.1, p.12-19, jan./mar.
- CARTAY, Rafael, GHERSI, Gérard (1996). **El escenario mundial agropecuario**. Caracas : Fundación Polar. 318 p.
- CARVALHO, Fátima Marília A. de (1995). **O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. Piracicaba : ESALQ. (Tese de Doutorado).
- CARVALHO, Fátima Marília A. de (1996a). Fontes de crescimento das exportações agroindustriais brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

- ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34., Aracaju. **Anais...** Aracaju : SOBER. p.66-79
- CARVALHO, Fátima Marília A. de (1996b). Tendências das exportações agroindustriais brasileiras nas últimas décadas. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro : FUNCEX, v.12, n.49, p.63-68, out./dez.
- CUFFARO, Nadia , DE FILIPPIS, Fabrizio (1996). Il commercio mondiale di prodotti agricoli prima dell'Uruguay round In: ANNANIA, Giovanni, DE FILIPPIS, Fabrizio, a cura di. **L'Accordo GATT in agricoltura e l'Unione Europea**. Milano : FrancoAngeli. p.70-92.
- DELGADO, Nelson, et al. (1996). **Estratégias agroindustriais e grupos sociais rurais: o caso do Mercosul**. Rio de Janeiro : Forense Universitária; Editora da UFRRJ. 185p.
- ESPIRITO SANTO, Benedito Rosa do, SEVERO, José Ricardo (1997). **A abertura externa e o saldo da balança comercial agrícola**. Brasília. (mimeo.). 33p.
- IMPACT of the Uruguay round on agriculture (1995). Rome: FAO/Committee on Commodity Problems. (CCP:95/13). 25 p.
- INDÚSTRIA de alimentos está em ebulição (1977a). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.C-1, 25 ago.
- KUME, Honorio (1995). A liberação das importações de produtos agrícolas: a experiência dos anos 90. In: TEIXEIRA Eryl C., AGUIAR, Danilo, R. D., eds. **Comercio internacional e comercialização agrícola**. Viçosa : UFV/FINEP/FAPEMIG. p.177-197.
- LEITE, Sérgio (1996). **Ajuste externo e desempenho agroexportador (1980-1995)**. (mimeo.). 39p.
- MARTIN, Will, WINTERS, Alan L., eds. (1996). **The Uruguay round and the developing countries**. Cambridge : Cambridge University.
- PAARLBERG, Robert (1991). Conditions between agricultural development in poor countries and agriculture prosperity in the U.S In: CARTAY, Rafael, GHERSI, Gérard. **El escenario mundial agropecuario**. Caracas : Fundación Polar. 318 p.
- PINAZZA, Luiz Antonio (1996). O novo cenário da agricultura. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro : FGV, v.16, n.6, p.12-15, jun.

- REZENDE, Gervásio C. de (1995). Macroeconomic stabilization policies and instability in agriculture in Brazil, 1986/92. In: TEIXEIRA, Eryl C., AGUIAR, Danilo R.D., eds. **Comércio internacional e comercialização agrícola**. Viçosa : UFV/FINEP/FAPEMIG. p.101-120.
- RYFF, Tito (1996). Agricultura mundial: o tempo das vacas magras? *Agroanalysis*, Rio de Janeiro : FGV, v.16, n.7, p.19-21, jul.
- SCHUH, Edward (1996). Produção esbarra na tecnologia. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro : FGV, v.16, n.1, p.1-4, jan.
- WILKINSON, John (1996a). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**: o complexo agroindustrial. Rio de Janeiro : Forense Universitária; Editora da UFRRJ.
- WILKINSON, John (1996b). Mercosul e globalização: novos padrões de concorrência agroalimentar. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n.7, p.90-111, dez.
- WILKINSON, John (s.d). **Um cenário para o sistema agroalimentar brasileiro**. (mimeo.). p.4.